



Centrais sindicais e movimentos sociais arrastam as massas por trás da disputa inter-burguesa de 2026

Romper com o eleitoralismo e abrir caminho à luta de classes!
Organizar as oposições classistas e revolucionárias para recuperar os sindicatos e os reerguer como instrumentos de frente única sob o programa e estratégia proletárias!

 A condenação de Bolsonaro pela tentativa golpista contra o governo eleito de Lula, abriu uma nova fase da crise política. Ao redor da defesa da bandeira da "anistia" ou de "sem anistia", se dividem os burgueses e eleitores para as campanhas eleitorais de 2026.

De um lado, está se forjando uma frente ampla que une a direita e a ultradireita com o apoio de Trump; de outro lado, fazendo demagogia da defesa da soberania, os petistas e aliados prometem às massas que, se ganhar Lula, haverá novas conquistas e se retomarão os direitos.

Disseram isso em 2022, mas Lula ganhou e se mantiveram e intensificaram os ataques aos trabalhadores. No INSS, Lula manteve a precarização das condições de trabalho e os salários arrochados, reprimiu a greve e impôs uma reforma administrativa por meio de portaria ministerial. Na Petrobrás, a terceirização continua a ser o principal vínculo de trabalho, manteve-se o PPI e continuam as privatizações. Nas universidades federais, o acordo da greve de 2024 (que foi duramente reprimida) não foi cumprido, e o reajuste de 9% de janeiro foi aplicado em maio, além da limitação de 61% do orçamento previsto. Os portuários permanecem sob a ameaça de privatização e perda dos empregos. O governo federal anunciou uma "economia" de R\$ 25,9 bilhões em 2025 com processo de revisão de gastos dificultando acesso ao INSS e Bolsa Família, sob o lema "Revisar para priorizar".

A eleição de governos que se dizem da esquerda não está desvinculada das leis gerais do capitalismo. Sua tendência geral é de ataque aos explorados para proteger o lucro da burguesia. Não é por acaso que Lula não cumpriu nenhuma de suas promessas eleitorais endereçadas a ganhar a confiança dos trabalhadores. Essa é a prova de que a divisão eleitoral entre reformistas

e direitistas se dá no campo da burguesia, de nossos inimigos, porque eles aplicam o mesmo programa ditado pelos monopólios.

O quadro eleitoral que está sendo erguido não interessa aos trabalhadores e oprimidos. Não foi com votos e negociações parlamentares, e sim com a ação direta de massas e a luta de classes que arrancamos nossas reivindicações e direitos pela força aos patrões. Somente com paralisações, greves, piquetes, etc. há a possibilidade de se combater os ataques às condições de vida dos explorados, sejam eles desferidos pelo governo de turno da esquerda ou direita.

Que as direções burocratizadas estejam arrastando as centrais e os sindicatos para votar em Lula (ou qualquer candidato escolhido a dedo por esse) significa que haverá mais traições contra as lutas e os movimentos para defender a democracia e instituições dos ricos, desde as quais Lula, a direita e a ultradireita aprovam novos ataques e novos retrocessos contra as massas assalariadas.

A vanguarda e as correntes que se reivindicam do marxismo devem ajudar a classe operária a romper com a política de colaboração de classe de suas direções com os governos burgueses, camouflada de defesa da democracia, e conquistar sua independência de classe no interior dos sindicatos, impulsionando a ação direta na base da democracia operária.

Essa política irá chocar com oportunistas e burocratas que traem os trabalhadores. A tarefa colocada é a de libertar os sindicatos de suas direções reacionárias, que se utilizam de seu aparato para criar um "curril eleitoral". Para isso será necessário organizar oposições classistas e revolucionárias para recuperar os sindicatos e os reerguer como instrumentos de frente única e para a luta pelas reivindicações mais sentidas e vitais das massas que lhe permitem abrir caminho à sua emancipação. ●

PALESTINA

Pela derrota do sionismo e do imperialismo

UCRÂNIA

Derrota militar da OTAN e o imperialismo

Escreva para contribuir com denúncias, com matérias e com a organização sindical para correntesindicalmarxistaguillermolora@proton.me

SINDMETP divide a categoria e enterra luta, traindo os trabalhadores da Gerdau

 Nodia 15/09, deflagrou-se umagreve na Gerdau de Pindamonhangaba (Vale do Paraíba/SP), após o anúncio da patronal de fechar o setor de produção de cilindros até o final de 2025, quando pretendia demitir cerca de 400 operários.

Apesar de alegar “cenário desafiador da indústria nacional do aço”, e divulgar uma suposta queda de 37,5% no lucro no ano passado, a maior produtora de aço do Brasil fechou 2024 com lucro líquido de R\$4,3 bilhões. Apesar de uma queda marginal, os lucros continuam elevados. O fechamento noticiado, na verdade, é uma mudança da empresa visando “focar em ativos com maior rentabilidade”, ou, em outras palavras, a empresa irá deixar de atuar nos setores com menor margem de lucro, para migrar para outros com maiores lucros. O capitalista sempre procura os setores com maior lucratividade, ou seja, onde é possível super-explorar a força de trabalho. Se deixa desempregados, fábricas fechadas etc. isso não lhe importa. Mas, sim importa aos operários que vivem da venda de sua força de trabalho porque não tem propriedades e nem capital

O cenário desafiador é o dos operários, que de um lado veem a patronal prometendo demissões, e do outro lado vêm o Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba, Moreira César e Roseira (SINDMETP), filiado à CUT, freando a luta de classes

em defesa dos empregos, dividindo a categoria e negociando com o patrão no campo do ataque.

A negociação do SINDMETP com a Gerdau envolveu também a campanha salarial e garantiu aumento de 48% no valor do vale alimentação e reajuste de 6,40% (5,05% imediatos e mais 1,29% em janeiro de 2026), o que garantiu que a direção sindical dividisse a categoria entre aqueles que estavam lutando por melhores salários e aqueles que lutavam por seus empregos, permitindo controlar a assembleia e fazer passar a proposta de encerramento da greve de um dia.

Aos operários do setor de cilindros, o sindicato diz ter garantido que “apenas” metade dos trabalhadores sejam demitidos em dezembro, e promete tentar retomar negociações por PDI (Plano de Demissão Individual) que traga indenizações maiores.

É necessário romper com a conciliação de classes e impulsionar a disposição de luta dos operários para impor ao patrão, por meio da ação direta, que nenhum trabalhador seja demitido! Ocupar a fábrica imediatamente e exigir que o patrão abra seus livros de contabilidade para demonstrar as mentiras do patronato! Que os operários, munidos de seu programa, superem as correntes reformistas e centristas que traem os trabalhadores e negociam com o patrão no campo do ataque!

AVANÇA A PRIVATIZAÇÃO E QUEBRA DO MONOPÓLIO DOS CORREIOS

 A Comissão da Câmara de Deputados aprovou o Projeto de Lei 7488/2017 (Eduardo Bolsonaro) do fim do monopólio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) e sua privatização. É um objetivo dos capitalistas privatizar a empresa e se apropriar dos lucros que ficam nas mãos do estado. O PL 7488/2017 é um elo nessa ofensiva privatizante que se estende a todos os serviços públicos.

O monopólio estatal garante que 5.426 dependências da ECT sobrevivam graças aos recursos gerados pela estatal em nível nacional. E que apenas 324 municípios (os de maior volume em distribuição de entregas e de densidade de população maior) são “superavitários”. Assim, com o fim do monopólio, milhares de municípios e milhões de pessoas seriam afetadas com a perda do serviço.

Desde que Lula assumiu a presidência, o SINTECT (CTB/PCdoB) e a FINDECT (CUT/PT) abortaram greves para não o prejudicar, apesar de que os trabalhadores perdem direitos e seus salários eram rebaixados. Tampouco fazem nada agora para organizar a resistência contra a ameaça de privatização. Como já mostrou a privatização do Metrô, da CPTM e da Sabesp, esse é o caminho da derrota.

É preciso mobilizar a categoria desde a base, convocar as assembleias e se apoiar na ação direta: os atos, piquetes, greves, paralisações etc. É a ação coletiva e unitária dos trabalhadores contra o governo e o patrão que pode manter os direitos, os salários, os empregos e barrar a privatização dos Correios! Para avançar por esse caminho, mais do que nunca, é necessário organizar uma verdadeira oposição a esta burocracia sindical e uma oposição revolucionária a mais este governo burguês de Lula/Alckmin!

Impor ao governo Lula a ruptura das relações com Israel!

 Dezenas de barcos da Global Sumud Flotilha se dirigem a Israel levando comida, medicamentos e outros insumos necessários para a vida dos palestinos, tentando romper o cerco genocida de Israel.

Os genocidas israelenses fizeram da Palestina um campo de extermínio. O holocausto palestino é a instrumentalização do imperialismo e do sionismo para roubar recursos e terras aos palestinos e outras nações e povos árabes. Uma forma de frear e derrotar o genocídio é atacando os interesses do imperialismo e do sionismo. Os trabalhadores no Brasil podem se engajar nessa luta e com mobilizações, manifestações, bloqueios de portos, etc. ajudar a estrangular os interesses de Israel em nosso país.

O governo de Lula fala de genocídio, mas não move uma pá para frear as exportações de petróleo, aço, produtos agrícolas etc. Segue comprando fertilizantes, armas e tecnologia que são testadas nos corpos dos palestinos massacrados. Se Lula não quer romper relações, então devemos lhe impor com a luta de classes que o faça já. E isso exige impor às direções de nossos sindicatos que organizem as assembleias para aprovar medidas e ações práticas para impor a Lula a ruptura de relações com Israel.